

Aleikhem:

Scholem



**Scholem
Aleikhem
em desenho
de Moysés
Baumstein**

**a paz seja
convosco!**

J. GUINSBURG

J. GUINSBURG

é professor de Teoria
do Teatro da
ECA-USP e autor
de, entre outros,
Stanislávski,
Meierhold e Cia.
(Perspectiva).

Com o desaparecimento dos grandes centros da cultura asquenazita na Europa oriental e a progressiva aculturação aos países que receberam maciças levas de imigrantes dessa procedência, a impressionante produção literária em ídiche e, com ela, os seus “clássicos” viram-se relegados à permanência em bibliotecas especializadas e, só de vez em quando, às consultas acadêmicas.

Tampouco a obra de Scholem Aleikhem escapou a esse destino. Desaparecidos os seus primeiros leitores, que a trouxeram e a releeram como parte de sua bagagem cultural, as gerações que os sucederam tiveram com ela apenas contatos ocasionais no idioma de origem ou em traduções que a divulgaram parcialmente, pelo menos no âmbito brasileiro. Um pequeno empuxo nesse sentido resultou da encenação de *O Violinista no Telhado*, adaptado nos Estados Unidos da novela *Teive, der Milkhiker*, e mesmo esta pouco teve a ver com uma leitura mais aprofundada do original. Ela foi um fruto tardio do musical da Broadway, e uma boa porção de seus espectadores, lá como aqui, ignorava o nome do escritor que a compôs. Portanto, se se pergunta agora, aos 150 anos do nascimento de Salomão Rabinovich, como se pode homenagear a produção desse mestre da narratividade judaica em ídiche, a resposta só pode ser uma: lendo-o. Se possível, no idioma original, mas, mesmo em tradução, quero crer, o encontro será gratificante. Pois é na relação viva com essa escritura que o leitor dificilmente poderá escapar do mágico convite para que adentre, em envolvente caminhada, o universo ficcional que lhe abre o cordial Scholem Aleikhem. Hoje, como ontem, ele lhe atuali-

zará com o seu gênio de cenógrafo literário as mil e uma histórias da vida judaica pelo sopro pulsante que inspira às suas reencarnações como *persona* das criaturas que a viveram nas vielas lamacentas do *shtetl*, da cidadezinha judaica nos rincões estagnados do Império Russo, mas também sob os ventos que começavam a varrê-los e iriam de algum modo destruí-los. Ao toque de sua tradicional, mas indeclinável saudação, elas saltam dos caracteres que as personificam para a imaginação do receptor, com a plena tipicidade de seus gestos e expressividade de suas falas, sob as barbas que os profetas lhes legaram em testemunho de seu pacto eterno com a palavra feita criatura: Scholem Aleikhem.

Menakhem Mendel, Scheine Scheindel, Teive, der Milkheker (o leiteiro), Motel Peisse dem Hazen's (filho do chantre) e todos os *kasrilevsker's* inclusive Rabtchik, o cão, *Scholem Aleikhem!*, e a resposta *Aleichem Scholem!* (“convosco seja a paz!”) é o que se ouviu desde que essa cordial expressão soou nas colunas do *Ídicher Folksblat (Folha Popular Ídiche)* em 1883, iniciando com o seu público um colóquio que, num fluxo loquaz de contos, romances, peças, novelas, sueltos jornalísticos, preencheria cerca de setenta volumes, que atravessaria o Atlântico e que não cessaria sequer em 1916, quando Scholem Rabinovich faleceu em Nova York. Na verdade, não só enquanto houve na Europa oriental e nos quatro cantos do mundo grupos densos de falantes do ídiche, porém mesmo posteriormente, depois que grande parte dessa recepção dialógica foi sufocada nas câmaras de gás, o poder dessa voz, a pena encantatória de seus relatos, de suas personagens, de sua filosofia, de seu humor, se manteve como presença sensível pela arte de sua invocação ficcional, que tem se mostrado capaz de transmitir o seu Scholem Aleikhem não só em hebraico como na maioria das línguas em que foi traduzido e retransmitido. Trata-se então do legado de um autor que no seu ambiente, graças a seu estro, foi capaz de fixar um afresco indelével e irrecusável de seu universo real e imaginário e, nessa medida, fixar-se como clássico de uma literatura. Ou, para dizê-lo

em outros termos, permito-me transcrever um pequeno texto interpretativo publicado em outro contexto.

• • •

Na literatura judaica, assim como em quaisquer outras, poucos escritores conheceram a popularidade de Scholem Aleikhem (“a paz seja convosco”), cuja voga e aceitação – no mundo judeu, desde a saída dos primeiros contos nas últimas décadas do século XIX e para além das fronteiras do ídiche, cada vez mais à medida que se difundiam seu livros – só encontra paralelo no destino literário de um Cervantes, de um Dickens, de um Mark Twain ou de um Gogol. E é com eles, aliás, que sua obra se relaciona, quer pelo poder de identificar uma coletividade que nela se reencontra e se reconhece, quer pela magia artística que universaliza, através do humor, do grotesco, do tragicômico, do psicologicamente mais sutil e típico de um grupo, expondo-o em traços incisivos e irrecusáveis. E, como eles, soube converter essa aguda observação e crítica de uma sociedade e de uma época em personagens tão definitivas e definidoras, em situações tão características, que o tempo e o lugar não conseguem mineralizá-las; mas, ao contrário, as renovam, porque se defrontam com um universo artístico inteiramente constituído, cuja validade estética assegura não só a sobrevivência de sua simbologia e de sua força comunicativa como a sua reimpregnação humana, revalorização social e reinterpretção literária.

Entretanto, e novamente como no caso daqueles gigantes da criação, todas as analogias terminam aí, nos limites dos aspectos mais gerais. Isso porque o seu vigor e perenidade nascem exatamente dos fatores que os distinguem da massa da produção beletrística e os transformam em momentos particulares do processo de autoconsciência histórica e cultural de um grupo. É o que sucede também com Scholem Aleikhem. Sua obra apresenta-se ferreteada pela vida judaica da Europa oriental. Não se trata de uma integração procurada, ajeitada e no fim de contas meramente literária, cindida

por uma vala profunda entre sujeito e objeto, entre autor e tema, mas de um modo de ver, de sentir, de pensar e relatar como se todo aquele mundo falasse por uma só boca e escrevesse com uma só pena. É um impressionante fenômeno em que a criação individual se transmuta na representação coletiva, a palavra poética no *gestus* social.

Na ficção ídiche, outros o superaram talvez quanto ao apuro estilístico, ao requinte psicológico, às preocupações filosóficas, à análise das circunstâncias socioeconômicas ou à participação política. Mas ninguém como ele conseguiu captar e fixar – em flagrantes em que a comicidade das palavras é a máscara de situações e problemas aflitivos – o retrato coletivo das pequenas cidades judaicas, com a sua humanidade oprimida e sofredora, oculta nos gabardos do atraso e da resignação, refugiada na espessa escuridão da ortodoxia religiosa ou na atmosfera fantasmagórica do misticismo hassídico, com as suas maravilhas cabalísticas e rabis milagreiros, mas ao mesmo tempo pitoresca, colorida, cheia de tipos e histórias saborosas, onde o folclore, o provérbio e o modismo campeiam livremente. Como se acabasse de chegar da sinagoga ou do banho público, da praça ou da feira, da festa ou da estalagem, acompanhado de sua gente, o extraordinário cenógrafo do *schtetl* instala-os em seus contos e novelas, em seus monólogos e comédias, e pede-lhes que continuem a desfiar seus casos. Eles próprios se inserem de corpo inteiro, como personagens, na ficção e no teatro, constituindo-se em imenso afresco de uma sociedade. Ainda hoje, depois de despovoado pela emigração, de triturado pelas máquinas e pelos tanques e soterrado sob as cinzas dos crematórios, esse mundo ressurgue, vivo e gesticulante, a língua desatada por impressionante oralidade, com toda a galeria de homens barbudos e sonhadores, de mulheres realistas e palradoras, de crianças ávidas de infância, sob o condão do feiticeiro de sua eternização. Com seu sorriso benevolente, em que a poesia da ingenuidade se alterna com o humor da marginalidade e a filosofia da tristeza, reanima suas existências humildes nas ruelas

das Karsrlevkes imaginárias, porém mais duradouras do que as pedras de seus modelos reais. Na sua imensa compreensão, consola-lhes as mágoas de humilhados e ofendidos, fá-los rir de si próprios e de sua desgraçada conjuntura, estende-lhes o seu cordial, largo e humano *scholem aleikhem*, a paz seja convosco!

Essa acolhedora saudação não significa, porém, cegueira diante do espetáculo que lhe oferece o seu povo. Se o descreve com carinho e bonomia, também não lhe poupa a crítica. Embora não chegue ao sarcasmo de um Mên dele ou à ironia desdenhosa de um Péretz, que com ele formam o trio magno das letras ídiches, desnuda e aponta o caráter obsoleto das formas de vida desses guetos, seu trágico desarmamento perante as tormentas das modernas transformações sociais e políticas que lhes solapam os próprios alicerces. Em face da caudal irresistível que a economia capitalista, a estrada de ferro, o telégrafo e o jornal começam então a introduzir nos vilórios medievais, com suas comunidades esquecidas e sonolentas, o que pode oferecer o judeu de Kasrilevke, senão o fatalismo forte, estoico, belo, mas indefeso de um Tobias, o leiteiro? Ou a irrealdade econômica, a alienação social de um Menakhem Mendl, o protótipo do *luftmentsch*, o símbolo pungente, na sua pureza e na sua imaginação desenfreada, do *status* de uma pequena-burguesia rural, sem preparo nem profissão, inopinadamente atirada ao mar bravo da cidade grande, delirando com sensacionais operações financeiras, golpes de Bolsa, sociedades anônimas, e, na verdade, vivendo a miséria de um cotidiano sem base nem perspectiva, que lhe denega tudo exceto a quimera? E se nesse processo algum *kasrilevker* enriquece, surge então o inevitável e inviável novo-rico de Iehupetz (Kiev), com suas fumaças de grande financista, com as casas coruscando de mau gosto e as filhas que só falam russo ou francês, tocam piano, se não pianola, e só se casam com um *g(u)ekontzitent*, “formado” ou doutor.

Mas considerar a obra de Scholem Aleikhem, esta crônica incomparável de *el ingenioso judeu do shtetl* e de suas

andanças primeiras pelas terras da modernidade, tão somente sob o prisma do desmascaramento social, por mais gritante que seja, seria empobrecê-la demasiado. Na verdade, seu realismo crítico, que se vale da ironia militante, da caricatura pedagógica, para mostrar absurdos e ridículos, jamais é impiedoso, intransigente. Contém sempre certa indulgência, uma compaixão para com os disparates da comédia humana tomada em si, o que ameniza a causticidade de suas flechas, tornando-as portadoras não só de zombaria letal como também de humor lenitivo, de chiste cristalino, cujo efeito burlesco resulta, quando muito, na autoexposição catártica, na purgação autocrítica, conforme a conhecida receita de Scholem Aleikhem: “Rir faz bem. Os médicos mandam rir!”

Essa risonha terapêutica de males às vezes incuráveis resulta, sem dúvida, de uma identificação com o espetáculo à sua volta que dosa a razão do entendimento com a empatia do sentimento. Daí a complacência e a ternura com que o aprecia. É um apiedar-se do eu-próprio, indistinto do nós-próprios, que pode eventualmente suscitar formas de expressão ainda mais sutis. A veia humorística afila-se então em nervura poética. O processo de autocompacimento suaviza-se ainda mais, transfere-se para um novo domínio, onde elabora um segundo elemento peculiarmente scholem-aleikhemiano: o fio “surreal” que urde, não o sardônico *rictus* do humor gogoliano, porém um lirismo chagalliano, onírico, um manso delírio de purezas e inocências, nostalgia de um “paraíso perdido”.

É assim que, pelo “riso entre lágrimas”, o mestre cenógrafo vai representando as modalidades judaicas de seu tempo, primeiro em sua face estancada e, em seguida, em seu movimento de translação e radicação sob outros céus, como disse o crítico Salomão Resnick. Ele as encarna num caleidoscópio de figuras que, hoje ainda, desvanecida a realidade do mundo que as inspirou, inspiram um mundo real, imperecível, em que se inclui também o seu criador, tão personagem quanto suas personagens, autêntico “herói cultural”.